

Sobre a aquisição de uma língua semi-*pro-drop* como L2¹

On the L2 acquisition of a semi-pro-drop language

Karina Molsing

FAPA – Brasil



Resumo: Este estudo apresenta um experimento sobre a aquisição de L2 da Restrição do Pronome Pleno (RPP, *Overt Pronoun Constraint*), um princípio universal que refere ao fato que as línguas de sujeito nulo não permitem que um pronome pleno seja ligado por um antecedente quantificado (e.g. *Ninguém; acha que ele; é estúpido). O objetivo era testar o conhecimento deste princípio com falantes nativos de português brasileiro (PB) e falantes de inglês e espanhol, aprendizes de PB como L2 e L3, respectivamente. A questão principal desta pesquisa era se é mais provável que os falantes nativos do PB observem o princípio ou não, mas também se os aprendizes de L2 e L3 do PB se comportariam como os falantes nativos, como falantes de uma língua típica de sujeito nulo ou de acordo com a sua língua nativa. Assumindo o Bilinguismo Universal de Roeper (1999) e utilizando uma tarefa experimental baseada em Kanno (1997) e Rothman e Iverson (2007 a-c), mostrou-se que os controles nativos de PB não se comportaram como falantes de línguas típicas de sujeito nulo em relação à RPP. Além disso, os aprendizes de L2 e L3 do PB se comportaram de forma semelhante aos controles, independente das línguas adquiridas anteriormente.

Palavras-chave: Aquisição de L2; Restrição do Pronome Pleno; Parâmetro do Sujeito Nulo

Abstract: This study presents an experiment on the L2 acquisition of the Overt Pronoun Constraint (OPC), a universal principle that refers to the fact that null subject languages do not allow for an overt pronoun to be bound by a quantified antecedent (e.g. *Ninguém; acha que ele; é estúpido). The objective of the experiment was to test the knowledge of this principle by native speakers of Brazilian Portuguese (BP) and speakers of English and English-Spanish bilinguals, L2 and L3 learners of BP, respectively. The central question of this research is whether native BP speakers are more likely to observe the principle or not, but also whether L2 and L3 learners of BP would behave like native speakers, like speakers of a typical null subject language or according to their native language. Assuming Universal Bilingualism by Roeper (1999) and using an experimental task based on Kanno (1997) and Rothman and Iverson (2007 a-c), it was found that native BP controls did not behave like typical null subject language speakers with respect to the OPC. Moreover, the L2 and L3 learners of BP behaved similarly to the controls, independently of their previously acquired languages.

Keywords: L2 acquisition; Overt Pronoun Constraint; Null Subject Parameter

Introdução

A pesquisa na aquisição de segunda língua (ASL) no paradigma gerativo concentra na questão de acesso, ou falta de, à Gramática Universal (GU) por aprendizes de segunda língua (L2)², em comparação ao acesso direto

por aprendizes de primeira língua (L1). Se os aprendizes de L2 realmente possuem tal acesso, então a natureza desse acesso deve ser descrita. Dentro da abordagem de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), a pesquisa na ASL muitas vezes concentra em um princípio ou um parâmetro particular para testar o conhecimento do aprendiz de L2, na tentativa de obter um entendimento melhor sobre a relação entre a aquisição de L2 e a GU e, em muitos casos, avaliar o potencial de adquirir uma competência semelhante ao nativo.

Ao fazer previsões sobre esse potencial, o foco de diferentes teorias geralmente é a natureza do estado inicial

¹ Este artigo é uma tradução de um artigo que foi publicado por Cambridge Scholars Publishing. MOLSING, Karina. (2010). On the L2 Acquisition of the Overt Pronoun Constraint in Brazilian Portuguese. In: *New Directions in Language Acquisition*. Romance Languages in the Generative Perspective, eds. Laura Dominguez & Pedro Guijarro-Fuentes, p. 157-188. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing. Apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq-Brasil.

² “Aprendiz de L2” também inclui os aprendizes de L3, L4, ... Ln.

da gramática de L2.³ No entanto, foi sugerido que dentro do quadro de Princípios e Parâmetros, é mais relevante considerar o estado inicial de parâmetros ao invés de princípios. Isso porque os valores dos parâmetros variam de língua em língua, enquanto os princípios, em teoria, não variam. Os estudos que envolvem parâmetros muitas vezes concluem que os falantes de L2 não são capazes de atingir uma competência semelhante ao nativo, enquanto os estudos que envolvem princípios fazem afirmações em favor da competência semelhante ao nativo para aprendizes de L2 (Lozano, 2002). Isso significa que mesmo quando um estudo se trata da mesma área de gramática, como pronomes plenos e nulos, por exemplo, os resultados podem ou corroborar a competência nativa ou não, dependendo de se é um princípio ou parâmetro que está sendo testado. Isso é precisamente o que foi encontrado no estudo de Lozano (2002), que levou o autor a concluir que a competência semelhante ao nativo é possível quando as propriedades diferem das da L1, mas derivam de princípios da GU, enquanto as propriedades específicas às línguas, os parâmetros, são alvos potenciais de fossilização.⁴ Lozano (2002) concorda que tanto a GU quanto a L1 podem ser fontes de conhecimento para a aprendizagem de línguas em adultos. A GU restringe a L2 em relação aos princípios, enquanto a L1 é importante para os déficits representacionais (parâmetros) em níveis avançados. Isso sugere que o aprendiz de L2 possui, à sua disposição, duas formas de acesso, total e parcial. Acesso total no caso da aquisição de princípios e parcial no caso da aquisição de parâmetros.

O presente estudo se concentra na Restrição do Pronome Pleno (RPP), um princípio universal associado ao Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). O experimento apresentado aqui trata da RPP com falantes nativos de português brasileiro (PB) e também com aprendizes de PB como L2/L3. A RPP pode ser descrita como em (1), baseado em Montalbetti (1984):

- (1) Nas línguas que permitem argumentos nulos, um pronome pleno não pode ter um sintagma nominal (SN) quantificado (ou sintagma-*qu*) como antecedente.

Basicamente, a RPP bloqueia uma interpretação de variável ligada entre um pronominal pleno encaixado e

a variável matriz. Mais especificamente, os Sintagmas Determinantes Quantificados (SDQs) e sintagmas-*qu* somente podem aparecer com pronomes nulos para que uma interpretação ligada seja possível, como mostra (2a). Por outro lado, não há tal restrição com SDs simples, como em (2b).

- (2) a. Qualquer aluno_i sabe que ele_{*i/j} deve estudar muito para passar no exame.
b. João_i sabe que ele_{i/j} deve estudar muito para passar no exame.

A RPP é considerada um universal linguístico porque se aplica a línguas tipologicamente distintas como chinês, espanhol e grego (Montalbetti, 1984). A RPP tem sido considerada um teste ideal da disponibilidade da Gramática Universal (GU) para o aprendiz adulto porque é regulada por restrições universais e é um caso claro de “pobreza de estímulo” (Kanno, 1997; Pérez-Leroux & Glass, 1999; Rothman & Iverson, 2007a-c; Rothman 2009). Isso significa que é subespecificada por experiência, não explicitamente adquirida através da instrução e também não é altamente representada no *input*. Não há nada na experiência que indicaria aos aprendizes de L2 que os sujeitos plenos e nulos são diferentes em relação à permissibilidade de um antecedente quantificado, especialmente porque ambos podem ser ligados por um sintagma nominal referencial.

Para o aprendiz de L2 mostrar conhecimento semelhante ao nativo sobre o PSN, deve adquirir um conjunto particular de elementos ou propriedades, chamado *cluster*.⁵ A RPP representa uma das propriedades cluster do Parâmetro do Sujeito Nulo. Enquanto a existência das propriedades cluster é incontestada, a questão central é *quais* propriedades particulares são realmente desencadeadas pelo PSN (Rothman & Iverson, 2007a). Segue uma lista de propriedades frequentemente citadas na literatura:

- (3) a. Pronomes de sujeito nulo (e.g. Falo português.)
b. Inversão livre (e.g. Não interfere o inglês);
c. Sujeitos expletivos nulos obrigatórios (e.g. Está chovendo);
d. Sem efeitos do traço-*que* (e.g. Quem_i você disse [que $[t_i$ vai telefonar?]]);
e. A Restrição do Pronome Pleno (e.g. *Ninguém_i acha que ele_i é estúpido).

Rothman e Iverson (2007a) argumentam que uma configuração positiva do PSN envolve menos propriedades cluster do que geralmente são atribuídas por muitos teóricos. Eles afirmam que o licenciamento de pronomes nulos, expletivos e restrições relacionadas com a RPP

³ Por exemplo, a Hipótese de Transferência Total/Acesso Total (Schwartz & Sprouse 1996) propõe que o estado inicial seja todos os valores da L1 do aprendiz de L2, embora a GU esteja disponível quando os valores são diferentes. A Hipótese Sem Transferência/Acesso Total (Flynn 1996) defende que o estado inicial seja simplesmente a GU, como na aquisição de L1. As teorias de Acesso Parcial (Schachter 1989) defendem que o estado inicial se componha de valores da L1 apenas, sem acesso direto à GU. Essas são as principais perspectivas gerativas nas pesquisas de aquisição de segunda língua hoje em dia.

⁴ A fossilização refere à incorporação de erros que se tornam permanentes (Selinker 1972).

⁵ Um *cluster* se refere à relação entre diferentes fenômenos sintáticos em termos de um único parâmetro (Chomsky, 1981; Jaeggli & Safir, 1989).

são as únicas propriedades ligadas ao PSN, enquanto os fenômenos relacionados às violações do traço-*que* e inversão sujeito-verbo são excluídos das propriedades que se agrupam em volta da configuração positiva do sujeito nulo (Rothman & Iverson, 2007a). Essa afirmação resulta de dados translinguísticos de línguas fora da família de línguas românicas, para as quais as propriedades cluster eram concebidas na primeira instância (Rizzi, 1982; Jaeggli, 1982). Existem línguas que não aderem fielmente a todas as propriedades cluster listadas acima, mas são consideradas línguas *pro-drop*.⁶ Além disso, existem línguas não-*pro-drop* que apresentam pelo menos uma das propriedades cluster do PSN em (3).⁷ De acordo com Rothman e Iverson (2007a), a RPP é uma propriedade que não surge em nenhuma língua que não aceite sujeitos nulos e surge em todas as línguas de sujeito nulo. Se e quando o PSN é reconfigurado pelo aprendiz adulto, a RPP é adquirida de forma automática até o nível intermediário de proficiência. Portanto, seguindo Rothman e Iverson (2007a), para que os aprendizes adultos possam reconfigurar o PSN, devem mostrar conhecimento sobre pelo menos a RPP. É por isso que é considerada uma propriedade cluster ideal do parâmetro do sujeito nulo em termos de experimentos sobre a L2.

Além do argumento teórico acima, esta estrutura particular permite o máximo de controle sobre os fatores gramaticais, como a complexidade morfológica e sintática, em uma comparação experimental de estruturas diferentes. Os contextos com a RPP proporcionam um subconjunto pequeno de pronomes usados, e poucos resultados são obtidos com a instrução explícita (Rothman & Iverson, 2007c). Como a RPP é um princípio universal, invariante, deve estar sempre disponível para os aprendizes de L2, portanto um teste da RPP é o mesmo que um teste de acesso à GU. Em outras palavras, os falantes de línguas que não aceitam o sujeito nulo, como o inglês, ainda devem ter acesso à RPP, que pode se revelar ao aprender uma língua de sujeito nulo. Isso é porque os aprendizes de L2 devem possuir o conhecimento sobre o que é “especial” sobre os pronomes independentemente da experiência (Kanno, 1997). Esse é “precisamente a conclusão que é usada tradicionalmente para sustentar a afirmação que um princípio particular faz parte de uma GU inata” (Chomsky, 1977, p. 65, tradução minha). Para falantes nativos de inglês, aprendizes de espanhol como L2, a RPP é operativa em todas as etapas do processo de aquisição, que significa que a configuração do sujeito nulo está sempre disponível para falantes de línguas não-sujeito nulo (Pérez-Leroux & Glass, 1999).

Português brasileiro (PB) tem sido considerado tradicionalmente uma língua *pro-drop*, como espanhol e italiano, mas estudos recentes têm mostrado que PB está perdendo algumas das propriedades que tipicamente caracterizam uma língua *pro-drop* (Duarte, 1995; Xavier, 2006; Kato, 2000). De fato, alguns creem que PB está evoluindo de uma língua *pro-drop* para uma língua não-*pro-drop*, o comparando com as fases sofridas por francês médio no caminho para uma língua não-*pro-drop* (Duarte, 1995).

Dada esta possibilidade, a questão imediata é se também existem mudanças em relação à observação da RPP por falantes nativos de PB. Outra questão é se os aprendizes de L2 vão observar as mudanças que estão ocorrendo no PSN, e possivelmente na RPP, ou se continuarão a tratar o PB como uma língua *pro-drop*. Essas são as questões que orientam o presente estudo. Alguns teóricos dizem que este princípio continua a ser observado por falantes nativos bem como por aprendizes de L2 (Kato, 2000; Rothman & Iverson, 2007a,b), enquanto outros afirmam que está começando a ser ignorado, abrindo cada vez mais o caminho para um status não-*pro-drop* (Duarte, 1995; Xavier, 2006). A RPP foi escolhida como objeto deste estudo com o objetivo de contribuir a esse debate e também ao debate maior referente à natureza do acesso à GU que os falantes têm durante o processo de aquisição de L2.

Este trabalho se organiza da seguinte maneira. A seção 1 fornece um pano de fundo sobre o status do Parâmetro do Sujeito Nulo em português brasileiro e as teorias contemporâneas que procuram explicar as mudanças que estão ocorrendo. A seção 2 apresenta estudos anteriores sobre a aquisição de pronomes no PB na L1 e na L2. A seção 3 descreve o experimento realizado para o presente estudo e seção 4 conclui.

O parâmetro do sujeito nulo no PB

Como já foi mostrado em vários trabalhos recentes, o sistema pronominal no português brasileiro (PB) está sofrendo algumas mudanças (Kato, 2000; Duarte, 1995; Xavier, 2006; Ferreira, 2000). A mais drástica é a aparente perda do “Princípio Evite Pronome” (Duarte, 1995). Este princípio basicamente afirma que quando um pronome nulo é possível, deve ser preferido no lugar de um pronome pleno (Chomsky, 1981). No entanto, no PB, os pronomes plenos estão sendo usados cada vez mais em todos os contextos que anteriormente favoreciam um sujeito nulo.

Duarte (1995) realizou um estudo baseado na frequência de pronomes nulos versus plenos, envolvendo vários fatores sociolinguísticos como faixa etária e sexo e também fatores sintáticos como se o Spec

⁶ As línguas “*pro-drop*” são as línguas de sujeito nulo. Portanto, “línguas *pro-drop*” e “línguas de sujeito nulo” são intercambiáveis.

⁷ Ver Rothman e Iverson (2007) para discussão.

de CP está preenchido ou não. Duarte conclui que a perda do Princípio Evite Pronome (PEP) se deve ao empobrecimento do paradigma pronominal com uma simplificação consequente do paradigma flexional. A tabela 1, do trabalho de Duarte (1995, p. 32), mostra a evolução dos paradigmas pronominais e flexionais no português brasileiro em três etapas.

A Tabela 1 ilustra que PB apresenta seis formas distintas em paradigma 1 e, em paradigma 3, as formas são reduzidas para apenas três formas distintas.⁸ De acordo com Duarte (1995), o paradigma atual indica que PB apresenta um sistema de sujeito nulo defectivo onde os sujeitos nulos e plenos perderam a sua complementaridade e se tornaram intercambiáveis. Duarte (1995) apresenta mais evidências de uma mudança com dados que revelam a emergência de estruturas que são incompatíveis com um sistema tipicamente *pro-drop*. Por exemplo, os pronomes plenos estão sendo usados cada vez mais em orações subordinadas com sujeitos co-referentes (4a). Os sujeitos duplos também estão aumentando (4b). Por outro lado, a terceira pessoa continua a ter o maior índice de sujeitos nulos (4c).

Tabela 1. Paradigmas Pronominais e Flexionais em PB

Pessoa/Nº	Pronome	Paradigma 1	Paradigma 2	Paradigma 3
1ª sing.	Eu	am o	am o	am o
2ª sing.	Tu Você	am as am a	- am a	- am a
3ª sing.	Ele/Ela	am a	am a	am a
1ª plur.	Nós A gente	am a mos -	am a mos am a	- am a
2ª plur.	Vós Vocês	am a is am a m	- am a m	- am a m
3ª plur.	Eles/Elas	am a m	am a m	am a m

- (4) a. João_i disse que ele_i comprou um carro.
 b. A Clarinha_i ela_i cozinha que é uma maravilha.
 c. João_i disse que *ec*_i comprou um carro.

O *pro* residual de PB é uma categoria vazia que ainda é um *pro* licenciado e argumenta-se que é identificado de acordo com os mesmos mecanismos usados em línguas *pro-drop* (Duarte 1995). Em outras palavras, os contextos com sujeitos nulos ainda são os mesmos que aqueles que são obrigatórios em línguas *pro-drop*. Basicamente, o que acontece, de acordo com Duarte (1995), é a coexistência de variações incompatíveis, que evidencia uma mudança em progresso.

Galves (1993) e Figueiredo Silva (1996) vão além de Duarte (1995) ao afirmar que o sistema flexional empobrecido em PB não somente levou à perda do Princípio Evite Pronome, mas também à reestruturação do padrão sentencial de uma língua orientada para a

sentença, como inglês, para uma língua orientada para o discurso, como chinês. Entretanto, alguns autores não concordam que o primeiro causa o segundo. Negrão e Müller (1996) defendem a ideia de que o parâmetro de sujeito nulo não é tão estreitamente associado à riqueza morfológica como os teóricos discutidos antes afirmam. Se um enfraquecimento do sistema flexional é responsável pelo aumento de pronomes plenos, esperava-se um aumento justamente nas posições que não se distinguem um do outro, a saber, a 2ª e 3ª pessoa. Também se esperava um aumento maior de pronomes plenos nos casos sem concordância. Entretanto, as observações desafiam a hipótese da flexão enfraquecida já que o maior aumento de pronomes lexicais ocorre nas posições de 1ª e 2ª pessoa, enquanto o padrão para preencher a posição de 3ª pessoa é independente da presença ou ausência de concordância (Negrão & Müller, 1996). Para uma língua que está desenvolvendo processos alternativos de recuperação das suas categorias vazias, a recuperação de um sujeito referencial através da morfologia verbal se torna cada vez menos relevante. Negrão e Müller (1996) concluem que PB não está perdendo seu status *pro-drop*, mas está sofrendo um processo de especialização das suas formas, onde os sujeitos nulos estão sendo usados como pronomes ligados e os pronomes plenos estão sendo usados como sujeitos referenciais. Se for esse o caso, também defendido por Negrão e Viotti (2000), então não deveríamos ver pronomes plenos em uma interpretação de variável ligada⁹, tampouco deveríamos ver pronomes nulos em interpretações referenciais. No entanto, Barbosa et al. (2005) defendem que os sujeitos nulos de 3ª pessoa podem ser referenciais em PB, que neutralizaria a hipótese anterior. Se os pronomes plenos permitem interpretações ligadas ou não será testado no experimento em seção 3.

Alguns teóricos afirmam que o aumento de sujeitos pronominais plenos, mesmo com antecedentes não-humanos (Duarte 1995), não se deriva do empobrecimento do paradigma flexional. Também não aderem a argumentos feitos por Negrão e Viotti (2000) e Negrão e Müller (1996) referente à especialização das formas. Diferente disso, Kato (1999) deriva as mudanças de uma distinção na força das formas pronominais. A autora afirma que duas formas fracas (pronomes e sujeitos clíticos, por exemplo) não podem coexistir em uma única gramática. Pronomes fortes podem coexistir e co-ocorrer com os

⁸ Duarte (1995) exclui a forma *tu* do paradigma atual de PB mesmo que este continua a ser produtiva em muitas partes do Brasil como em Brasília (Dias, 2007), e São Paulo (Modesto, 2007) e não apenas nos estados sulinos, como se alega frequentemente. Além disso, o uso desse pronome muitas vezes ocorre com o verbo flexionado para a terceira pessoa, como com *você*, e não a segunda pessoa, deixando o status de paradigma 3 em Tabela 1 sem alteração.

⁹ A não ser que seja uma interpretação do tipo-e, onde o pronome não possui uma interpretação ligada nem referencial. Esses tipos de interpretações não serão tratados aqui.

fracos, formando estruturas duplas, como em (4b) acima. Em línguas de sujeito nulo, assume-se que o pronome nulo na posição de sujeito é um pronome fraco enquanto o pronome lexical é um pronome forte (Ferreira, 2000). Entretanto, Kato (1999) propõe que existam três tipos de pronomes fracos – pronomes fracos livres, clíticos ou traços de concordância – um dos quais é escolhido por uma língua para a mesma função. Com o empobrecimento de concordância, que tem sido observado no PB, um paradigma de pronomes fracos livres emergiu, e pode co-ocorrer com os pronomes fortes homófonos, que explica as estruturas duplas.

Diferente de um enfraquecimento de riqueza morfológica, a novidade no sistema flexional no PB é a produção de pronomes fracos livres, que tem como consequência a projeção obrigatória de Spec de TP (Kato, 2000). As línguas de sujeito nulo prototípicas não possuem um paradigma de formas fracas livres e, portanto, nunca projetam Spec de TP. Em francês e inglês, por outro lado, há um paradigma de pronomes pessoais fracos livres e sempre projetam Spec de TP. É isso que acontece agora em PB porque Spec de TP é a única posição para onde as formas fracas podem se mover. Logo, existe uma correlação maior entre o sujeito pleno e a estrutura sintática do que com a flexão morfológica. Consequentemente, é a emergência do sujeito pleno em contextos típicos de sujeito nulo que causou a perda de flexões distintas e não ao contrário (de Oliveira, 2000).

A ideia de que o licenciamento de sujeitos nulos é diretamente relacionado à riqueza morfológica é desafiada pelo fato de que existem línguas *pro-drop* como chinês e japonês que não possuem flexão morfológica. Isso levou Huang (1984) a distinguir entre as línguas que permitem tópicos nulos (como chinês e japonês) e as que não permitem (como italiano e inglês). Isso é um parâmetro distinto da distinção *pro-drop* versus *não-pro-drop*. Portanto, as línguas de tópico nulo são aquelas que são orientadas para o discurso enquanto as línguas *pro-drop* se orientam para a sentença. Isso explica as propostas feitas antes em relação aos padrões sentenciais de PB. Além da contribuição de Huang (1984) sobre as línguas de tópico nulo versus sujeito nulo, também existem línguas que perderam seu status *pro-drop*, como islandês, sem perder a sua riqueza flexional (Sigurðsson, 1993). A complexidade deste parâmetro sugere que deverá ter uma subparametrização do valor *pro-drop*. Sigurðsson (1993) descreve cinco tipos de línguas de sujeito nulo, desvalorizando ainda mais a natureza binária do PSN. A lista em (5) foi adaptada de Xavier (2006, p. 49).

- (5) a. **Topic-drop**: permite sujeitos nulos na 1ª e 2ª pessoa em orações matriz (e.g. inglês e outras línguas germânicas);

- b. **Semi pro-drop**: permite sujeitos nulos arbitrários e expletivos (e.g. alemão e PB);
- c. **Genuine pro-drop**: envolve a co-indexação livre com qualquer sintagma nominal no discurso antecedente, envolvendo o sujeito bem como o objeto de verbos e preposições (e.g. islandês antigo);
- d. **Agr identified pro**: sujeitos nulos são identificados através de traços de concordância (e.g. italiano e espanhol).
- e. **Controlled pro-drop**: sujeitos nulos são “controlados” por um antecedente em uma posição de c-comando (e.g. chinês, línguas que envolvem a co-indexação com um sintagma nominal que c-comanda e envolve somente sujeitos em orações subordinadas);

As mudanças discutidas até agora resultaram na categorização do PB como uma língua *semi-pro-drop* (Xavier, 2006; Kato, 2000). Os outros tipos relevantes de *pro-drop* são (d), que refere a línguas prototipicamente *pro-drop* como italiano e espanhol e (e) que Xavier (2006) e Kato (2000) consideram como o *pro-drop* default, o valor derivado diretamente da GU que é o caso de línguas como chinês. A seguinte seção apresenta alguns estudos que tratam da aquisição do sistema pronominal em PB como L1 e L2.

Aquisição de Pronomes em PB como L1 e L2

No estudo de Simões (1997), o uso de sujeitos e pronomes nulos por uma criança monolíngue falante de PB (idades 2;4:14-3;0:30) foi comparável a uma criança adquirindo uma língua que não permite sujeitos nulos, ao invés de uma língua tipicamente¹⁰ *pro-drop*. No estudo de Magalhães (2006), a produção de sujeitos nulos em português europeu (PE) foi estável enquanto não foi estável em PB. Duas crianças falantes de PB (idades 2;4:11-2;10:29 e 1;9:8-3;0:15) passaram por duas etapas. Primeiro, as porcentagens não foram compatíveis com aquelas da língua alvo (i.e. PB padrão), mas no fim as crianças alcançaram um uso mais próximo à língua alvo. Entretanto, a autora desafia a ideia de um processo de aquisição de duas etapas, argumentando que a inflação de sujeitos nulos na gramática inicial no PB se deve ao uso generalizado da 3ª pessoa singular (Magalhães, 2006). O sistema verbal da criança no início da aquisição de linguagem consiste em concordância “unipessoal”¹¹ (Kato, 2001). Quando este sistema leva a um com concordância “pluripessoal”, a criança apresenta os afixos

¹⁰ De agora em diante, as línguas “típicas” de sujeito nulo se referem a línguas *pro-drop* identificadas por Agr, como citado em (5d) acima.

¹¹ Magalhães (2006) e Xavier (2006) tratam de concordância “unipessoal” quando os falantes generalizam a 3ª pessoa singular para todas as categorias de pessoa assim como concordância “pluripessoal” quando os falantes apresentam um paradigma flexional completo.

verbais correspondentes a cada pessoa gramatical, como é o caso com PE. Nesses contextos, onde a distinção entre as pessoas gramaticais não é mais possível através de afixos de concordância, as crianças exibirão pronomes fracos livres plenos, que é o caso de PB (Magalhães, 2006).

Xavier (2006) estuda a aquisição de PB como L2/L3 por falantes de inglês, italiano e espanhol com foco no sujeito nulo. A autora afirma que os seus resultados confirmam o acesso direto assim como indireto à GU. Os aprendizes que tiveram acesso direto à GU usaram o valor default do parâmetro *pro-drop* nas fases iniciais, a saber, os falantes de inglês e italiano. Aqueles que tiveram acesso indireto à GU transferiram os valores da sua L1 em uma fase não-inicial de aquisição. Apesar do tipo de acesso envolvido, todos os aprendizes de L2 apresentaram o *pro-drop* específico ao PB e não outros tipos de *pro-drop*. A ideia de ter acesso direto e indireto disponíveis ao aprendiz de L2 relembra as conclusões tiradas em Lozano (2002), sugerindo que os aprendizes de L1 configuram os seus parâmetros durante o processo de aquisição, mas a GU básica não muda. A GU básica pode ser entendida como um módulo cognitivo, que se constitui de princípios e parâmetros, restringindo o processo de aquisição da gramática, mas permanece constante o tempo todo (Epstein et al., 1996).

Como mencionado antes, a configuração default para o PSN é *pro-drop* sem flexão verbal, ou seja, flexão unipessoal. Isso pode ser ampliado para adultos também. Os resultados do estudo de Xavier (2006) sugerem que há três etapas de aquisição de L2, que espelha as três etapas de aquisição de L1, argumenta a autora. Na fase inicial, os falantes de L2 possuem duas gramáticas: a gramática *pro-drop* default e a sua respectiva gramática de L1. Na fase intermediária, os falantes tendem a fazer *code-switching*¹² entre ou a gramática *pro-drop* default e a gramática alvo da L2, ou a sua gramática de L1 e a gramática alvo da L2, dependendo da L1. Na etapa avançada, os falantes descartam a gramática default ou a gramática da L1 em favor da gramática alvo da L2, que, no caso do PB, é uma gramática semi-*pro-drop*.

Xavier explica os seus resultados em termos de Bilinguismo Universal de Roeper (1999), que favorece o argumento que a GU permanece constante durante a aquisição. Esta teoria afirma que todos os falantes são potencialmente bilíngues. Existe um conjunto de representações default, chamado a Gramática Mínima Default (GMD) que todos os falantes possuem, que é a GU, e que reflete os princípios de economia. A economia de representação, por exemplo, refere a restrições sobre as gramáticas possíveis. Isso pode ser interpretado como uma

hipótese de acesso direto e indireto. Consequentemente, o aprendiz tem a opção de acessar a GU através da sua L1 ou diretamente através da gramática default. Nessas linhas, quando os valores de L1 e L2 para um parâmetro particular são os mesmos, a L1 serve como o estado inicial para a L2. Quando são diferentes, o valor default é o estado inicial para a L2.

A próxima seção apresenta estudos anteriores que tratam da RPP no PB.

A restrição do pronome pleno no PB

A Restrição do Pronome Pleno (RPP) foi considerada uma propriedade cluster ideal do Parâmetro do Sujeito Nulo já que ocorre em todas as línguas de sujeito nulo e em nenhuma língua que não é de sujeito nulo (Rothman & Iverson, 2007a,b; Rothman, 2009). Entretanto, alguns afirmam que falantes nativos de PB não observam mais este princípio na medida em que fazem os falantes de línguas típicas de sujeito nulo, como discutido nas seções anteriores.

Ao considerar alguns dados da RPP em PB, parece haver uma variação em relação à medida que a RPP é observada ou não. Rodrigues (2004) afirma que existem alguns dialetos que permitem uma expressão quantificada, como em *todo*+SN, para ligar um pronome pleno. Veja os exemplos abaixo.

- (6) a. Toda mulher acha que ela é feliz.
- b. *Quem acha que ela é feliz.
- c. *Ninguém acha que ela é feliz.

Se *todo*+SN viola a restrição de Montalbetti, isso significa que a estrutura pode ser co-indexada com um pronome pleno e desencadear uma interpretação de covariância, como ilustrado no exemplo de Rodrigues, repetido em (7). Ambas as interpretações são possíveis, onde *ela* pode referir a *toda fã* assim como *Carla Peres*.

- (7) [Toda fã de [Carla Peres]] acha que ela deve agir como esposa de Xande.

Entretanto, Barbosa et al. (2005) apresentam dados que mostram que não é somente *todo*+SN que viola a restrição de Montalbetti, com os seguintes exemplos considerados aceitáveis por falantes nativos de PB:

- (8) a. [Ninguém no Brasil]_i acha que ele_i é prejudicado pelo Governo.
- b. [Nenhuma criança]_i acha que ela_i é burra.

Isso significa que uma explicação potencial deve dar conta dos dois tipos de violação.

¹² Code-switching se refere à alternância de códigos em uma situação de comunicação. Os códigos são as gramáticas diferentes.

Até onde sei, Rothman (2009) é o único trabalho que testou a RPP com falantes de inglês, aprendizes de PB como L2. O autor afirma que a aquisição do conhecimento da RPP depende da capacidade do aprendiz reconfigurar a configuração do parâmetro de [-sujeito nulo] para [+sujeito nulo]. Se os aprendizes são bem sucedidos nisso, a RPP é adquirida de forma automática, sendo que é um princípio invariante. Rothman (2009) considera o fato que a natureza do parâmetro do sujeito nulo está em fase de mudança, mas não na medida em que as propriedades mínimas de cluster não serão mais articuladas. Para o autor, o PB continua sendo uma língua essencialmente *pro-drop* e as divergências podem ser explicadas por variações pragmáticas. É por isso que os bilíngues de espanhol foram excluídos do seu grupo experimental, sendo que podem ter uma “vantagem” sobre os falantes de inglês em relação à RPP, já que está operativa no espanhol, mas não em inglês.

As conclusões de Rothman e Iverson (2007a,b) para espanhol e Rothman (2009) para PB são mais ou menos as mesmas. Mostram que os falantes nativos (espanhol e PB) observaram a RPP e os falantes de inglês, aprendizes de L2 (de espanhol e de PB) também. De fato, não houve diferenças significativas entre os controles nativos e os aprendizes de L2. Isso significa que os controles e os aprendizes de L2 distinguiram de forma significativa entre os sujeitos matrizes do tipo Sintagma Determinante Quantificador (SDQ)/sintagma-*qu* com sujeitos encaixados plenos ou nulos e também entre um SDQ/sintagma-*qu* e um sujeito matriz SD com um sujeito pleno encaixado. Então, todos eles distinguiram de forma semelhante entre os tipos relevantes de sentenças. Mostrar conhecimento semelhante ao nativo da RPP necessariamente acarreta na reconfiguração do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Uma observação interessante feita por Rothman (2009) é que os controles de PB e os aprendizes de L2 possuíam uma frequência alta de interpretações co-referenciais derivadas com sujeitos plenos encaixados e SDs matrizes simples, diferente do que foi encontrado em estudos semelhantes com foco em espanhol (Pérez-Leroux & Glass, 1999; Rothman & Iverson, 2007a,b). Essa conclusão corrobora as afirmações nos estudos sobre o sujeito nulo do PB em que o foco ou a alternância de tópico não é necessário para tal interpretação, enquanto é necessário para línguas tipicamente *pro-drop*. Rothman (2009) atribui o resultado à perda de restrições pragmáticas.

Alguns estudos vêm afirmando, por um lado, que as interpretações de variável ligada com pronomes plenos estão sendo cada vez mais aceitas por falantes nativos de PB (Barbosa et al. 2005) enquanto, por outro lado, Rothman (2009) afirma que os controles nativos assim

como os aprendizes de L2 ainda se comportam como falantes de línguas típicas de sujeito nulo.

Dada a discussão até este ponto, o experimento descrito na próxima seção foi guiado pelas seguintes questões: i) os falantes nativos de português brasileiro ainda vão observar a RPP? e ii) os falantes de inglês, aprendizes de L2 e bilíngues de espanhol-inglês vão observar a RPP? Assumindo a Hipótese de Bilinguismo Universal (Roeper, 1999) para a aquisição de L2 (Xavier, 2006), prevê-se que os falantes de inglês, aprendizes de PB como L2 vão adquirir a RPP ao acessar a sua GMD. No caso dos bilíngues de inglês-espanhol e os falantes avançados de espanhol com inglês como L1, vão adquirir a RPP no PB ao acessar a sua gramática em espanhol. Isso significa que todos os aprendizes de L2 vão atuar de forma semelhante aos falantes nativos de PB.

Experimento

Participantes

Os dados relatados aqui são de 38 falantes não nativos de PB com níveis de proficiência entre iniciante e avançado. Os participantes eram de várias universidades estadunidenses matriculados no curso de língua portuguesa.¹³ Todos os participantes eram expostos à variedade brasileira de português, enquanto aqueles aprendendo a variedade europeia foram excluídos. Os textos e materiais usados nos programas discutiram o status de sujeito nulo do PB de forma superficial sem entrar em detalhes sobre as restrições ou variações, mas apenas que os pronomes nulos são possíveis. Fenômenos específicos relacionados ao parâmetro do sujeito nulo, tais como a RPP, não foram tratados na sala de aula. Isso significa que se o aprendiz de L2 demonstra conhecimento deste princípio, não vem da instrução explícita, mas do acesso contínuo ao conhecimento da GU. Dos 38 participantes, 22 eram falantes avançados de espanhol ou bilíngues de inglês-espanhol e 16 eram falantes monolíngues de inglês como língua anterior. Todos os participantes falam inglês como L1. Serviram como controles 20 falantes nativos de PB¹⁴, todos alunos no primeiro ano de graduação no curso de Letras.

¹³ As universidades que participaram são: Georgetown University (Washington, D.C.), University of Iowa (Iowa City), University of Florida (Gainesville), University of Arizona (Tucson), University of Kansas (Lawrence), Ohio State University (Columbus). Também gostaria de agradecer aos seguintes professores pela ajuda com este experimento: Vivaldo Santos, Quinn McCoy Hansen, Juliana Freire, Antonio Simões, Meghan Armstrong, e Jennifer Cabrelli. Gostaria de agradecer em particular a Jason Rothman por me mandar o seu trabalho e por demonstrar interesse no presente trabalho, e a Mike Iverson pelas dicas com a estatística. Os erros que persistem são de minha inteira responsabilidade.

¹⁴ Todos os falantes de PB vêm das mesmas regiões do Rio Grande do Sul, ou a região metropolitana ou cidades vizinhas, com pouca variação em relação à situação socioeconômica, classe média para média alta. Desta maneira, variações de dialeto ou socioleto são mínimas.

A tarefa

Os aprendizes de L2 responderam a um questionário online providenciado por seus respectivos professores. O questionário consiste em algumas perguntas de informações básicas sobre a sua experiência anterior com PB e outras línguas. A tarefa usada aqui se baseia na de Kanno (1997) para japonês e Rothman e Iverson (2007a-c) e Rothman (2009) para espanhol e português. São quatro tipos diferentes de perguntas que visam testar o conhecimento do falante sobre o contraste entre pronomes plenos e nulos em contextos com antecedentes quantificados versus fixos. As quatro categorias se baseiam em sujeitos de matriz/orações encaixadas, SDQ ou sujeitos referenciais na oração matriz e sujeitos plenos ou nulos na oração encaixada. Isso resulta nas seguintes combinações: SDQ/pleno, SDQ/nulo, SD/pleno, SD/nulo. Os dois primeiros conjuntos de sentenças (9-10) envolvem antecedentes quantificados ou sintagmas-*qu*, alternando entre pronomes nulos e plenos.

(9) Pronome nulo com SDQ/sintagma-*qu* como antecedente

Quem disse que usou o computador ontem?

Q: Who do you suppose used the computer?¹⁵

- (a) the same as “quem disse”
- (b) another person
- (c) both (a) and (b) are possible

A pergunta experimental está em inglês para garantir que não haja mal-entendidos devido ao vocabulário. Os participantes então indicam a interpretação do sujeito encaixado ao escolher ou (a) a interpretação de variável ligada, (b) a interpretação referencial, ou (c), onde ambos (a) e (b) são interpretações possíveis.

(10) Pronome pleno com SDQ/sintagma-*qu* como antecedente

Alguém disse que ele conhece a Jane.

Q: Who do you suppose knows Jane?¹⁶

- (a) the same as “alguém”
- (b) another person
- (c) both (a) and (b) are possible

De acordo com Grimshaw e Rosen (1990), aqueles que possuem conhecimento da RPP vão preferir a co-referência com o sujeito matriz no primeiro tipo de sentença, mas não no segundo tipo. Os aprendizes adultos que não possuem conhecimento da RPP vão escolher o sujeito matriz em ambas as sentenças. O terceiro conjunto de sentenças garante que os aprendizes aparentemente observando a RPP não estão rejeitando a combinação SDQ/pleno simplesmente por causa da

presença do sujeito pleno. Como em (11), os pronomes plenos são combinados com antecedentes fixos, onde uma interpretação co-referencial é possível.

(11) Pronome pleno com SD referencial como antecedente

João disse que ele escreveria a carta amanhã.

Q: Who do you suppose will write the letter tomorrow?¹⁷

- (a) João
- (b) another person
- (c) both (a) and (b) are possible

Esse tipo de sentença está incluído para mostrar que o pronome pleno pode tomar um antecedente referencial intrassentencial. Isso também vai mostrar que os alunos não têm uma proibição geral contra pronomes plenos com sujeitos matrizes como antecedentes. Portanto, para ter conhecimento sobre a RPP, os alunos devem escolher a interpretação co-referencial pelo menos algumas vezes e rejeitar de maneira uniforme as interpretações co-referenciais com antecedentes quantificados. O tipo de sentença em (12) está incluído para garantir que os alunos percebam que os sujeitos nulos podem tomar um SD referencial como antecedente e para proporcionar um ponto de comparação para as sentenças com antecedentes nulos e quantificados.

(12) Pronomes nulos com SD referencial como antecedente

Pedro estava dizendo que ia comprar um carro.

Q: Who do you suppose will buy a car?¹⁸

- (a) Pedro
- (b) another person
- (c) both (a) and (b) are possible

Resultados

Resultados globais

A análise dos resultados envolve uma comparação das respostas dos grupos bem como uma comparação da distribuição das respostas individuais. Já que o foco desse tipo de tarefa é se os alunos vão aceitar uma interpretação em que o pronome pleno pode referir a um sujeito matriz, as respostas foram agrupadas de tal forma que as sentenças que permitem a co-referência com o sujeito antecedente

¹⁵ Tradução: Quem você acha que usou o computador?

(a) o mesmo que “quem disse” (b) outra pessoa
(c) ambos (a) e (b) são possíveis

¹⁶ Tradução: Quem você acha que conhece a Jane?

(a) o mesmo que “alguém” (b) outra pessoa
(c) ambos (a) e (b) são possíveis

¹⁷ Tradução: Quem você acha que vai escrever a carta amanhã?

a) João b) outra pessoa c) ambos (a) e (b) são possíveis.

¹⁸ Tradução: Quem você acha que vai comprar um carro?

a) Pedro b) outra pessoa c) ambos (a) e (b) são possíveis.

(respostas [a] e [c]) foram distinguidas daquelas que somente permitem um antecedente externo à sentença (resposta [b]). Comparações entre os grupos foram feitas para determinar se cada grupo aceitava/rejeitava cada categoria da mesma maneira. A Figura 1 abaixo mostra as porcentagens de interpretações de co-referência, ou de variável ligada para os quatro tipos diferentes de sentenças.

Como se pode deduzir da Figura 1, o grupo de L2 se comportou mais ou menos como os falantes nativos do PB nas categorias SDQ/pleno e SD/nulo, enquanto não foram comparáveis na categoria SDQ/nulo.

É importante observar a diferença significativa entre as categorias SDQ/pleno e SDQ/nulo para o grupo de L2, o que é esperado de aprendizes de L2 adquirindo uma língua tipicamente *pro-drop*. É interessante que a diferença nas respostas dos falantes nativos nessas mesmas categorias seja muito menos pronunciada, que

sugere que os controles aceitaram interpretações tanto ligadas quanto disjuntas. Houve diferenças altamente significativas entre as categorias SDQ/pleno e SD/pleno para os nativos assim como os falantes de L2, que não é esperado de falantes de uma língua de sujeito nulo. Isso porque existem restrições pragmáticas referente a foco e mudança de tópico que impedem uma interpretação co-referencial nesses contextos. De qualquer modo, esses dados ainda deixam claro que é a combinação SDQ/pleno que é necessário para desencadear uma rejeição da interpretação ligada. Além disso, como mostra a Figura 2, os resultados não se alteram ao separar os dados dos falantes de L2 de acordo com os falantes de inglês versus os bilíngues de inglês-espanhol, já que não houve praticamente nenhuma diferença nos resultados entre esses dois grupos. Portanto, para as restantes análises dos resultados, o grupo teste foi mantido em uma categoria única de aprendizes de L2.

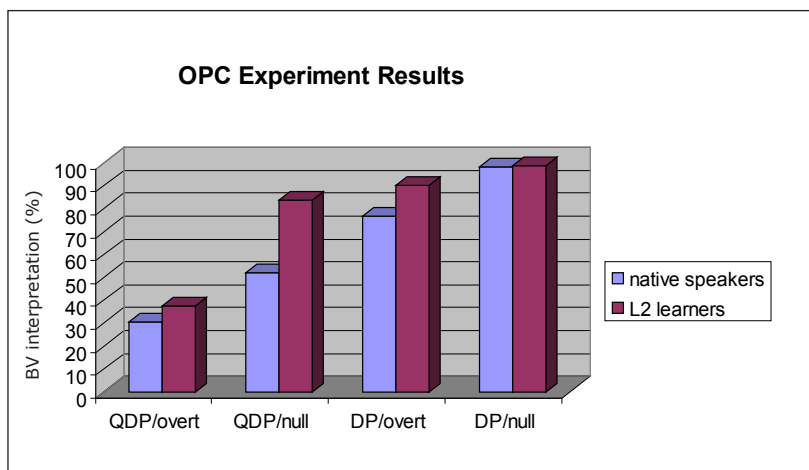


Figura 1 – Resultados do experimento RPP

OPC: RPP; BV interpretation: interpretação de variável ligada; native speakers: falantes nativos; L2 learners: aprendizes de L2; QDP/overt: SDQ/pleno; QDP/null: SDQ/nulo; DP/overt: SD/pleno; DP/null: SD/nulo.

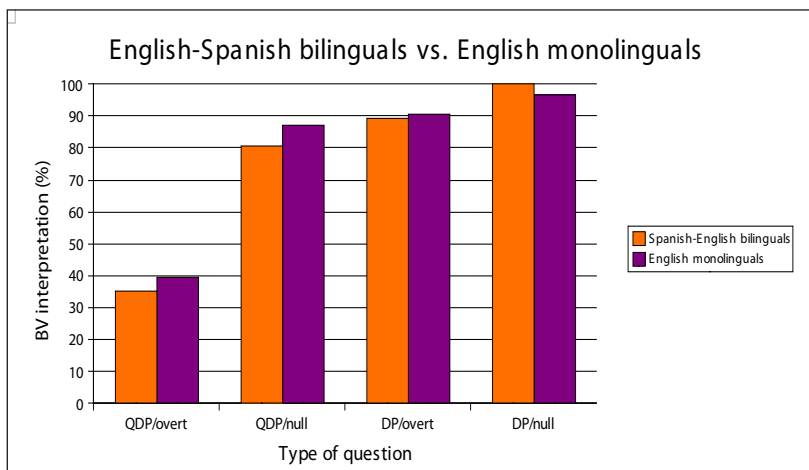


Figura 2 – Resultados dos aprendizes de L2 em relação à RPP

BV interpretation: interpretação de variável ligada; Spanish-English bilinguals: bilíngues de espanhol-inglês; English monolinguals: monolíngues de inglês; QDP/overt: SDQ/pleno; QDP/null: SDQ/nulo; DP/overt: SD/pleno; DP/null: SD/nulo; type of question: tipo de pergunta.

Analisamos os dados mais profundamente para ver se as diferenças são estatisticamente significativas. Primeiro, vamos olhar os dados do grupo controle, mostrados nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 2. Interpretação de \emptyset ¹⁹ e *e/e* com um SDQ/sintagma-*qu* (grupo controle) (n=30)

Tipo de argumento na oração encaixada	Interpretação Co-referencial		Subtotal	Apenas a interpretação de referência disjunta
	a	c		
\emptyset	45	17	62 (51.67%)	58 (48.33%)
<i>e/e</i>	24	40	64 (30.48%)	146 (69.52%)

Tabela 3. Interpretação de \emptyset e *e/e* com antecedente referencial (grupo controle) (n=30)

Tipo de argumento na oração encaixada	Interpretação Co-referencial		Subtotal	Apenas a interpretação de referência disjunta
	a	c		
\emptyset	105	13	118 (98.33%)	2 (1.67%)
<i>e/e</i>	33	81	114 (76.51%)	35 (23.49%)

Surpreendentemente, como em Tabela 2, os controles nativos não foram categóricos na sua distinção entre um sujeito encaixado nulo versus pleno com um antecedente quantificado. Apenas 51,67% das respostas ligaram os sujeitos nulos encaixados ao antecedente quantificado, enquanto os sujeitos plenos encaixados foram ligados ao antecedente quantificado em 30,48% dos casos. De fato, os falantes nativos pareciam não ter preferência por uma interpretação intra-sentencial ou de referência disjunta, quando os sujeitos nulos ocorreram com antecedentes quantificados. Com um sujeito encaixado pleno e um antecedente quantificado, as interpretações co-referenciais foram rejeitadas apenas em 69,52% dos casos. Os falantes nativos mostraram uma preferência para interpretações de referência disjunta nesse contexto, embora de forma mais fraca do que foi encontrado nos estudos com línguas típicas de sujeito nulo, como espanhol (Pérez-Leroux & Glass, 1999; Lozano, 2002), também divergindo dos resultados encontrados em Rothman (2009) para PB. Quanto aos antecedentes referenciais (ver Tabela 3), as interpretações intra-sentenciais co-referenciais foram preferidas na grande maioria das vezes nos contextos com sujeitos nulos, ocorrendo em 98,33% dos casos. Com sujeitos plenos, as interpretações intra-sentenciais também foram preferidas na grande maioria dos casos, embora

com uma frequência ligeiramente menor de 76,51%. Isso evidencia que PB não requer foco ou mudança de tópico para que seja possível uma interpretação intrassentencial co-referencial entre um antecedente referencial e um sujeito pleno. Isso é considerado atípico para a maioria de línguas *pro-drop*.

Em suma, quando houver uma co-referência envolvendo um SD referencial, os falantes nativos de PB preferem um pronome nulo com um pouco mais de frequência que um pronome pleno. A interpretação co-referencial para pronomes plenos também é preferida em oposição à interpretação referencial disjunta. Em contextos com um antecedente quantificado, os falantes de PB não apresentaram uma preferência de interpretações quando o pronome encaixado é nulo. Agora, olhemos para os dados do grupo teste de aprendizes de L2, apresentados nas Tabelas 4 e 5.

Tabela 4. Interpretação de \emptyset e *e/e* com um SDQ/sintagma-*qu* (grupo teste) (n=38)

Tipo de argumento na oração encaixada	Interpretação Co-referencial		Subtotal	Apenas a interpretação de referência disjunta
	a	c		
\emptyset	75	51	126 (83.44%)	25 (16.56%)
<i>e/e</i>	17	81	98 (37.12%)	166 (62.88%)

Tabela 5. Interpretação de \emptyset e *e/e* com um antecedente referencial (grupo teste) (n=38)

Tipo de argumento na oração encaixada	Interpretação Co-referencial		Subtotal	Apenas a interpretação de referência disjunta
	a	c		
\emptyset	93	54	147 (98.66%)	2 (1.34%)
<i>e/e</i>	44	123	167 (89.78%)	19 (10.22%)

Os aprendizes de L2 se comportaram como falantes típicos de línguas de sujeito nulo em relação aos contextos com antecedentes quantificados, onde os pronomes nulos foram preferidos em 83,44% dos casos. Entretanto, os pronomes plenos ainda foram aceitos em uma interpretação intrassentencial em 37,12% dos casos, resultados que são comparáveis aos resultados encontrados no grupo controle. Ao realizar um teste-t para duas amostras, as diferenças entre o grupo controle e o grupo teste foram significativas em relação à combinação SDQ/nulo no nível 0,05 ($p < 0.01$), enquanto as diferenças não foram significativas em relação à combinação SDQ/pleno no nível 0,05 ($p = 0.1307$).

¹⁹ \emptyset se refere à categoria vazia, o pronome nulo.

Em relação aos antecedentes referenciais e pronomes nulos, uma interpretação intrassentencial foi preferida em 98,66% dos casos, e com pronomes plenos, a mesma interpretação também foi preferida em 89,78% dos casos. Aqui, os aprendizes de L2 se comportaram como os falantes nativos de PB, sem diferenças significativas em relação à combinação SD/nulo no nível 0,05 ($p=0.8243$). Entretanto, houve uma diferença significativa em relação à combinação SD/pleno. Os aprendizes de L2 escolheram com ainda mais frequência que os controles uma interpretação intrassentencial nos contextos com sujeitos plenos, no nível de 0,05 ($p<0.01$).

As comparações entre os grupos também foram realizadas para verificar se cada grupo distinguiu entre os tipos de sentenças. Duas comparações foram feitas entre as combinações: SDQ/pleno versus SDQ/nulo e SDQ/pleno versus SD/pleno. Para isso, um teste-t emparelhado foi utilizado. Esse tipo de comparação revela se é de fato a combinação SDQ/pleno que desencadeia a restrição do pronome pleno e não apenas a presença de um SDQ ou um sujeito pleno encaixado. Os resultados estatísticos são resumidos em Tabela 6.

Tabela 6. Comparações entre os grupos

	SDQ/pleno vs. SDQ/nulo		SDQ/pleno vs. SD/pleno	
	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Falantes de PB	0.176	0.8601	3.821	0.0002
Aprendizes de L2	1.880	0.0608	4.325	0.0000

Como mostra a Tabela 6, ambos os grupos fizeram distinções estatisticamente significativas entre a combinação SDQ/pleno versus SD/pleno, ambos com níveis *p* menor que 0,01. Entretanto, as distinções não foram significativas entre a combinação SDQ/nulo versus SDQ/pleno. Isso significa que a mera presença de um sujeito pleno encaixado não é suficiente para que falantes nativos e aprendizes de L2 rejeitem uma interpretação de variável ligada, mas que o sujeito pleno deve ser precedido por um SDQ. De fato, a combinação SD/pleno parecia favorável a uma interpretação co-referencial. Por outro lado, parece que a presença de um SDQ não tem um impacto significativo nas interpretações com sujeitos encaixados nulos versus plenos. Entretanto, os resultados para os aprendizes de L2 nesta última categoria foram quase significativos no nível 0,05 ($p=0,06$), que significa que comportaram mais como aprendizes de uma língua tipicamente *pro-drop* do que os controles de PB. No total, esses resultados certamente divergem de estudos anteriores sobre a RPP.

Em suma, os falantes nativos de PB e os aprendizes de L2 observaram a RPP em alguns dos casos, mas esta preferência não foi estatisticamente significativa, como se espera de falantes de uma língua tipicamente *pro-drop*. Esses resultados podem fornecer mais evidências das mudanças que estão ocorrendo no parâmetro do sujeito nulo no PB. É interessante que, apesar do fato de que discussões detalhadas sobre a natureza do Parâmetro do Sujeito Nulo não são incluídas nos materiais de ensino utilizados na sala de aula, as respostas dos falantes de L2 mais ou menos refletiram as mudanças que os falantes nativos de PB parecem estar sofrendo em relação a este parâmetro, com a exceção da categoria SDQ/nulo, onde o grupo de aprendizes se comportou mais como falantes de uma língua típica do sujeito nulo.

Resultados de distribuição

Os resultados relatados na seção anterior sugerem que enquanto os falantes nativos e não-nativos observaram a RPP, existem algumas variações que ainda não foram observadas em estudos similares. Tratamos agora de uma análise da distribuição dos resultados para determinar a possível influência de fatores além do fator nativo versus não-nativo. Por exemplo, é possível que dentro do grupo de falantes nativos de PB, nem todos se comportaram da mesma forma em relação à RPP. A análise nesta seção trata apenas dos dados da combinação SDQ/pleno para verificar a distribuição de falantes nativos/aprendizes de L2 que observaram a RPP ou não. Em outras palavras, o objetivo das seguintes comparações é para fornecer algum insight sobre as tendências dos falantes individuais de observar a RPP ou não, e essas tendências são comparadas em relação ao grupo de falantes e o tipo de sentença.

As respostas foram divididas em três subgrupos: a) aqueles que consistentemente rejeitaram a ligação entre o SDQ e *ele*, pelo menos 5/7 vezes; b) aqueles que foram inconsistentes, 3-4/7 vezes, e c) aqueles que consistentemente aceitaram a ligação entre o SDQ e *ele*, 5/7 vezes. Os falantes com mais respostas no primeiro subgrupo são os que mais consistentemente observaram a RPP. As respostas no segundo subgrupo refletem uma inconsistência em relação à observação da RPP e no terceiro subgrupo, uma tendência a não observar a RPP. ANOVAs de um fator foram conduzidas para todas as distribuições. A Tabela 7 compara as distribuições dos falantes nativos e aprendizes de L2.

A distribuição geral dos resultados dos falantes nativos versus não-nativos não foram significativamente diferentes $F(1, 66)=0.75$, $p=0.39$. Ao comparar a distribuição dos grupos nos três subgrupos, pode-se concluir que as diferenças não foram significativas, no

nível 0,05.²⁰ Isso significa que as preferências individuais dos falantes nativos e dos aprendizes de L2 foram semelhantes em relação à RPP.

Tabela 7. A distribuição de falantes nativos de PB (n = 30) e os aprendizes de L2 (n = 38) em relação ao número de vezes que um SDQ foi selecionado como antecedente de *e/e*.

	# de vezes SDQ selecionado	# total de FNs	# total de FNNs
Consistentemente rejeitaram a ligação entre SDQ e <i>e/e</i> .	0	4	9
	1	11	7
	2	7	5
Inconsistente	3	3	6
	4	1	2
Consistentemente aceitaram a ligação entre SDQ e <i>e/e</i> .	5	1	2
	6	0	3
	7	3	4

FNs = falantes nativos; FNNs = falantes não-nativos.

A Tabela 8 compara as distribuições dos falantes de inglês e dos falantes de espanhol para verificar se o segundo grupo teve uma “vantagem” sobre o primeiro em relação à RPP, isto é, se os falantes de espanhol respeitaram a restrição com mais frequência dos falantes de inglês.

Tabela 8. A distribuição dos falantes de inglês (n = 16) e falantes de espanhol (n = 22) em relação ao número total de vezes que o SDQ foi selecionado como antecedente de *e/e*.

	# de vezes SDQ selecionado	# total de falantes de inglês	# total de falantes de espanhol
Consistentemente rejeitaram a ligação entre SDQ e <i>e/e</i> .	0	3	6
	1	5	2
	2	2	3
Inconsistente	3	0	6
	4	1	1
Consistentemente aceitaram a ligação entre SDQ e <i>e/e</i> .	5	1	1
	6	1	2
	7	3	1

Uma comparação dos resultados médios do grupo de aprendizes de L2 falantes de inglês e o grupo de aprendizes de L3 falantes de espanhol revelou uma diferença não-significativa no nível 0,05, $F(1, 36)=0.21$, $p=0.649$. Ao comparar as distribuições dos grupos nos três subgrupos, pode-se concluir que as diferenças não foram significativas, no nível 0,05.²¹ As diferenças no subgrupo b foram quase significativas. Em geral, as preferências individuais dos falantes de inglês e dos falantes de espanhol foram parecidas em relação à RPP. Isso significa que falar espanhol não contribui positivamente à observação do

princípio. Isto é, a transferência dos valores do espanhol (ou do inglês) para o PB não aconteceu.

Na Tabela 9, os aprendizes de L2 foram divididos de acordo com o nível de proficiência para determinar se isso pode ter contribuído para as diferenças nas respostas individuais.

Tabela 9. A distribuição de falantes iniciantes (n = 11), intermediários (n = 11), avançados (n = 16) em relação ao número total de vezes o SDQ foi selecionado como antecedente de *e/e*.

	# de vezes SDQ selecionado	Iniciante (n=11)	Intermediário (n=11)	Avançado (n=16)
Consistentemente rejeitaram a ligação entre SDQ e <i>e/e</i> .	0	2	4	3
	1	1	0	6
	2	3	0	2
Inconsistente	3	3	2	1
	4	0	2	0
Consistentemente aceitaram a ligação entre SDQ e <i>e/e</i> .	5	1	1	0
	6	1	1	1
	7	0	1	3

As diferenças globais entre os três grupos não foram significativas, $F(2, 35)=0.12$, $p=0.887$, igualmente em relação às diferenças entre os subgrupos, que também não foram significativas.²² Entretanto, as diferenças no subgrupo a, onde os falantes consistentemente rejeitaram a ligação entre o SDQ e o pronome pleno, foram quase significativas como mostra o valor-p 0,063. Os aprendizes iniciantes e intermediários foram mais inconsistentes enquanto os falantes avançados mais aproximaram os resultados de falantes nativos. No total, as tendências entre os falantes nativos de PB e os aprendizes de L2 foram parecidas. Falar espanhol tornou o aprendiz um pouco mais inconsistente em relação à distribuição das suas respostas na interpretação da combinação SDQ/pleno enquanto o grupo avançado foi menos inconsistente e rejeitaram mais a interpretação de variável ligada. Isso significa que os fatores de nível de proficiência e de ter conhecimento prévio de espanhol não interferiram com a capacidade do aprendiz de L2 a observar a RPP, igual aos falantes de PB.

Discussão

Em geral, os falantes nativos de PB e os aprendizes de L2 observaram a RPP. Entretanto, quando comparados com falantes de outras línguas de sujeito nulo, os falantes

²⁰ Subgrupo a: $F(1, 41)=1.97$, $p=0.168$; subgrupo b: $F(1, 10)=0$, $p=1.0$; subgrupo c: $F(1, 11)=0.27$, $p=0.614$.

²¹ Subgrupo a: $F(1, 25)=1.88$, $p=0.637$; subgrupo b: $F(1, 5)=3.57$, $p=0.078$; subgrupo c: $F(1, 7)=0.48$, $p=0.511$.

²² Subgrupo a: $F(2, 18)=3.23$, $p=0.063$; subgrupo b: $F(2, 5)=1.25$, $p=0.363$; subgrupo c: $F(2, 6)=2.13$, $p=0.2$.

nativos de PB aceitaram um número relativamente alto de pronomes plenos nas interpretações de variável ligada e um número relativamente alto de pronomes nulos em interpretações disjuntas. Além disso, as respostas dos aprendizes de L2 refletiram mais ou menos as mesmas preferências expressas por controles. Esses resultados podem fornecer evidências corroborando afirmações que mudanças estão ocorrendo no Parâmetro do Sujeito Nulo no PB. Os aprendizes de L2 estão cientes dessas mudanças também, independente do nível de proficiência ou da língua adquirida anteriormente.

Existem várias maneiras de explicar a natureza não-categórica das respostas dos falantes de PB e de L2. Primeiro, no entanto, podemos excluir a proposta de Negrão e Viotti (2000) e Negrão e Müller (1996) que pronomes plenos e nulos adquiriram sentidos especializados porque os resultados do presente estudo sugerem justamente a tendência oposta do que a prevista por essas autoras. Isto é, os falantes de PB e os aprendizes de L2 aceitaram pronomes plenos em interpretações de variável ligada tanto quanto pronomes nulos em interpretações referenciais. Uma explicação parcial da primeira observação seria que o PB perdeu as restrições pragmáticas que regulam o uso de pronomes plenos co-referenciais em contextos de foco e mudança de tópico, mas ainda não explica os pronomes nulos em interpretações referenciais ou os pronomes plenos em contextos sem antecedentes de SDQ.

A opção final a ser discutida aqui é que existem dois sistemas distintos que coexistem no PB, historicamente típico de línguas em evolução. São duas maneiras diferentes de interpretar esta opção. Duarte (1995) afirma que os sistemas *pro-drop* e *não-pro-drop* coexistem em PB Moderno, enquanto Kato (1999) afirma que a coexistência se refere aos sistemas de pronomes fortes e fracos. Outra maneira de interpretar essa ideia é através de Bilinguismo Universal de Roeper (1999), que não apenas explica os sistemas coexistentes no PB, mas também a aquisição de PB como L2. Essa coexistência nos falantes dos dois grupos pode ser expressa através de code-switching entre as duas gramáticas.

É concebível que os falantes nativos de PB possuam as gramáticas *pro-drop* e *semi-pro-drop*²³ enquanto os aprendizes de L2, falantes de inglês, podem estar code-switching entre a sua Gramática Mínima Default e a gramática *semi-pro-drop*. Os bilíngues de espanhol-inglês, por outro lado, podem estar code-switching entre a sua gramática de espanhol e a gramática *semi-pro-drop*.

²³ Isso pode explicar porque Rothman (2009) obteve resultados categóricos com falantes de PB e espanhol no seu estudo, já que, talvez devido ao ambiente experimental formal ou uma variedade de outros fatores externos, os participantes podem ter acessado apenas a gramática mais conservadora, ou seja, a *pro-drop*, enquanto a gramática *semi-pro-drop* é mais utilizada em situações mais informais.

Isso significa que os aprendizes de L2 falantes de inglês ainda possuíam acesso direto à GU que, por sua vez, significa que a competência semelhante ao nativo é possível no que toca aos princípios como a RPP. Os bilíngues de espanhol-inglês podem ter tido ou acesso direto à GU através da sua GMD ou acesso indireto através da sua gramática de espanhol. Não se pode saber com certeza qual sem mais testes com foco nas diferenças entre o sistema *pro-drop* default e o sistema *pro-drop* de espanhol baseado em traços de concordância.

Conclusão

O objetivo do presente estudo foi avaliar o status da Restrição do Pronome Pleno, um princípio universal e principal propriedade cluster do Parâmetro do Sujeito Nulo, em falantes nativos de PB e a sua aquisição por aprendizes de PB como L2/L3. A Restrição do Pronome Pleno se refere ao fato de que as interpretações de variável ligada entre um antecedente quantificado e um pronome encaixado pleno são inaceitáveis em línguas de sujeito nulo. Em línguas tipicamente *pro-drop*, como espanhol e italiano, os aprendizes de L2 cujas línguas nativas são línguas *não-pro-drop*, são capazes de reconfigurar o parâmetro e, portanto adquirir a RPP como consequência, apresentando um comportamento semelhante aos controles nativos. Porém, em relação ao português brasileiro, o status do Parâmetro do Sujeito Nulo parece estar sofrendo algum tipo de evolução em que o uso de sujeitos nulos foi muito reduzido e sujeitos plenos são preferidos em muitos contextos. Esses fatos motivaram o presente estudo a testar as intuições de falantes nativos de PB para determinar se essa evolução se refletiria na aquisição da RPP também. De fato, os falantes de PB não foram categóricos em relação à RPP e é interessante que os aprendizes de L2/L3, independentemente das línguas adquiridas anteriormente, seguiram o mesmo caminho, se comportando de forma semelhante aos falantes nativos de PB. Isso fornece evidências moderadas em favor da Hipótese de Bilinguismo Universal. Contudo, a RPP foi observada a maior parte das vezes, que sugere a possibilidade de dois sistemas coexistentes na mesma língua, historicamente típico de línguas em evolução.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à plateia da conferência Romance Turn 3 e aos dois pareceristas anônimos. Gostaria também de agradecer aos seguintes professores que me ajudaram em vários aspectos do presente estudo: Vivaldo Santos, Quinn McCoy Hansen, Juliana Freire, Antonio Simões, Meghan Armstrong, Jennifer Cabrelli, e especialmente Jason Rothman e Mike Iverson.

Referências

- BARBOSA, P., DUARTE, M. E. & KATO, M. (2005). Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4: 11-52.
- BLEY-VROMAN, Robert. (1989). What is the logical problem of foreign language learning? In: S. M. GASS & J. SCHACTER (Eds.) *Linguistic perspectives and second language acquisition*, p. 41-68. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHOMSKY, N. (1977). *Essays on form and interpretation* New York: Elsevier North-Holland.
- CHOMSKY, N. (1981). Principles and parameters in syntactic theory. In N. Hornstein & D. Lightfoot (Eds.) *Explanation in Linguistics: the logical problem of language acquisition*, p 32-75. London: Longman.
- CHOMSKY, N. (1988). *Language and problems of language: the Managua lectures*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press.
- DE OLIVEIRA, M. (2000). The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese. In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds.) *Brazilian Portuguese and null subject parameter*, p. 37-53. Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert.
- DIAS, E. P. (2007). *O uso do tu no português brasileiro falado*. MA thesis, Universidade de Brasília.
- DUARTE, M. E. L. (1995). *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. PhD diss., Universidade de Campinas.
- EPSTEIN, S., Flynn, S., & Martohardjono, G. (1996). Second language acquisition: theoretical and experimental issues in contemporary research. *Brain and Behavioral Sciences* 19: 677-758.
- FERREIRA, M. (2000). *Argumentos nulos em português brasileiro*. MA Thesis. Universidade de Campinas.
- FIGUEIREDO Silva, M. C. (1996). *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- FLYNN, S. (1996). A parameter-setting approach to second language acquisition. In W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (Eds.) *Handbook of second language acquisition*, p. 121-158. San Diego: Academic Press.
- GALVES, C. (1993). O Enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In I. Roberts & M. A. Kato (Eds.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, p. 387-408. Campinas: Editora da UNICAMP.
- GASS, S. M. & Schacter, J. (1989). *Linguistic perspectives and second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GREGG, K. R. (1989). Second language acquisition theory: the case for a generative perspective. In S. M. Gass & J. Schacter (Eds.) *Linguistic perspectives and second language acquisition*, p. 15-40. Cambridge: Cambridge University Press.
- GREGG, K. R. (1996). The logical and developmental problems of second language acquisition. In W. C. Ritchie and T. K. Bhatia (Eds.) *Handbook of second language acquisition*, p. 49-81. San Diego: Academic Press.
- GRIMSHAW, J., & Rosen, S. T. (1990). Knowledge and obedience: the developmental status of the binding theory. *Linguistic Inquiry* 21: 187-222.
- HUANG, C-T. J. (1984). On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry* 15: 531-574.
- HYAMS, N. (1986). *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrecht: Reidel.
- JAEGGLI, O. (1982). *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris.
- JAEGGLI, O. & SAFIR, K. (1989). The null subject parameter and parametric theory. In O. Jaeggli & K. Safir (Eds.) *The null subject parameter*, p. 1-44. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- KANNO, K. (1997). The acquisition of null and overt pronominals in Japanese by English speakers. *Second Language Research* 13: 265-287.
- KATO, M. (1999). Strong and weak pronominal in the null subject parameter. *Probus* 11: 1-37.
- KATO, Mary. (2000). The partial *pro-drop* and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds.) *Brazilian Portuguese and null subject parameter*, p. 127-145. Frankfurt: Iberoamericana -Vervuert.
- KATO, M. (2001). Nomes e pronomes. *Letras de Hoje* 36: 101-112.
- LOPES, Ruth. (2003). The production of subject in Brazilian Portuguese by a young child. *Probus* 15: 123-146.
- LOZANO, C. (2002). The interpretation of overt and null pronouns in non-native Spanish. *Durham Working Papers in Linguistics* 8: 53-66.
- LUCCA, N. N. G. (2003). *A expressão gramatical da segunda pessoa do discurso em Minas Gerais: séculos XIX e XX*. Brasília, UnB.
- LUCCA, N. N. G. (2005). *A variação tu/você na fala brasileira*. MA Thesis, Universidade de Brasília.
- MAGALHÃES, T. M. V. (2006). *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. PhD diss., Universidade de Campinas.
- MAGALHÃES, T. M. V. (2007). A aquisição de pronomes sujeitos no português brasileiro e no português europeu. *Letras de Hoje* 42: 97-112.
- MODESTO, A. T. T. (2007). Formas de tratamento no Português Brasileiro: A alternância tu/você na cidade de Santos/SP. *Revista Letra Magna* 7: 1-27.
- MODESTO, M. (2000). Null subject without "rich" agreement. In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds.) *Brazilian Portuguese and null subject parameter*, p. 147-174. Frankfurt: Iberoamericana -Vervuert.
- MONTALBETTI, M. (1984). *After binding: On the interpretation of pronouns*. PhD diss., Massachusetts Institute of Technology.
- NEGRÃO, E. V. (1999). *O Português Brasileiro: Uma Língua Voltada para o Discurso*. Ms., University of São Paulo.

- NEGRÃO, E. V. & Muller, A. L. (1996). As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (DELTA)* 12: 125-152.
- NEGRÃO, E. V. and Viotti, E. (2000). Brazilian Portuguese as a discourse-oriented language. In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds.) *Brazilian Portuguese and null subject parameter*, p. 147-174. Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert.
- ODLIN, T. (1990). *Language transfer*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAREDES SILVA, V. L. (2003). O retorno do pronome tu à fala carioca. In C. Roncarati & J. Abraçado (Eds.) *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*, p. 160-169. Rio de Janeiro: 7Letras.
- PÉREZ-LEROUX, A. T. & Glass, W. R. (1999). Null anaphora in Spanish second language acquisition: probabilistic versus generative approaches. *Second Language Research* 15: 220-249.
- RITCHIE, W. C. & BHATIA, T. K. (1996). *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press.
- RITCHIE, W. C. & BHATIA, T. K. (1996). Second language acquisition: Introduction, foundations and overview. In W. C. RITCHIE & T. K. BHATIA (Eds.) *Handbook of second language acquisition*, p. 1-46. San Diego: Academic Press.
- RIZZI, Luigi. (1982). *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris.
- RODRIGUES, C. A. N. (2004). *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. PhD diss., University of Maryland, College Park.
- ROEPER, T. (1999). On universal bilingualism. *Bilingualism: language and cognition* 2: 169-186.
- ROTHMAN, J. (2009). Knowledge of A/A'-Dependencies on Subject Extraction with Two Types of Infinitives in Non-Native Portuguese Adult Bilingualism. *International Journal of Bilingualism* 13: 111-140
- ROTHMAN, J. & IVERSON, M. (2007a). On the syntax of null subjects in L2 Spanish: Comparing two L2 populations under different exposure. *RESLA, Spanish Journal of Applied Linguistics* 20: 185-216.
- ROTHMAN, J. & IVERSON, M. (2007b). On L2 Clustering and Resetting the Null Subject Parameter in L2 Spanish: Implications and Observations. *Hispania* 90: 329-342.
- ROTHMAN, J. & IVERSON, M. (2007c). Input Type and Parameter Resetting: Is Naturalistic Input Necessary? *International Review of Applied Linguistics, IRAL* 45: 285-319.
- SCHACHTER, J. (1989). Maturation and the issue of universal grammar in second language acquisition. In W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (Eds.) *Handbook of second language acquisition*, p. 159-193. San Diego: Academic Press.
- SCHWARTZ, B. D. & SPROUSE, R. (1996). L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research* 12: 40-72.
- SELINKER, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics* 10: 209-231.
- SIGURÐSSON, H. r. Á. (1993). Argument-drop in Old Icelandic. *Lingua* 89: 247-280.
- SIMÕES, L. (1997). *Sujeito nulo na aquisição do português do brasileiro: um estudo de caso*. PhD diss., Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- WHITE, L. (1989). *Universal grammar and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- WHITE, L. (1992). Long and short verb movement in second language acquisition. *Canadian Journal of Linguistics* 1: 337-360.
- WHITE, L. (1996). Universal grammar and second language acquisition: current trends and new directions. In W. C. Ritchie & T. K. Bhatia (Eds.) *Handbook of second language acquisition*, p. 85-120. San Diego: Academic Press.
- XAVIER, G. R. (2006). *Português brasileiro como segunda língua: um estudo sobre o sujeito nulo*. PhD diss., Universidade Estadual de Campinas.
- ZOBL, H. (1988). Configurationality and the Subset Principle: The acquisition of V1 by Japanese learners of English. In J. Pankhurst, M. Sharwood Smith & P. Van Buren (Eds.) *Learnability and second languages*, p. 116-131. Dordrecht: Foris.

Recebido: 14/05/11

Aprovado: 27/05/11

Contato: karina.molsing@pucrs.br